
Sexualidades, esportes e Teoria Queer: inter-relações

Sport, Sexualities and Queer/ Theory.

CAUDWELL, Jayne (Org.).

London/New York: Routledge, 2006. 180 p.

Sport, Sexualities and Queer/Theory é uma coletânea de 10 artigos organizada por Jayne Caudwell, uma pesquisadora sênior em Sociologia do Esporte e Culturas do Lazer, da Universidade de Brighton, Inglaterra. O livro foi publicado em 2006, simultaneamente em Londres, Nova Iorque e no Canadá, pela editora Routledge e contém artigos científicos europeus e norte-americanos, além de uma modesta participação australiana.

No prefácio, os editores, Jennifer Hargreaves e Ian McDonald, ressaltam que é a primeira antologia publicada sobre gênero, sexualidade, *queer*¹ e Teoria *Queer* e sua inter-relação com o esporte. Além disso, destacam que se pretende uma referência a tais estudos no que se pode designar como uma 'sociologia do esporte *queer*', a qual se lançará, de maneiras particulares, à compreensão de como a sexualidade é experimentada, representada e negociada em diferentes contextos esportivos.

Na introdução, Caudwell, como organizadora da coletânea, situa os leitores e problematiza os conceitos a serem empregados ao longo do livro. O próprio conceito *queer*, já mencionado, parte de uma identidade política de lésbicas e gays e caminha em direção a uma "política da diferença, da resistência e do desafio". Destaca que os autores utilizarão variadas definições para identificar a 'Teoria *Queer*': ora "estudos *queer*", ou "políticas *queer*" e mesmo "teorias *queer*", no plural.

O livro, assim, está dividido em três partes principais, detalhadas a seguir. A primeira parte intitulada "O *Queer* e a Teoria *Queer* nos estudos do esporte" compõe-se de dois capítulos, que

se encarregam de refletir sobre o universo *queer* no campo esportivo.

No capítulo 1, "'*Queerizando*' teorias de sexualidade nos estudos sobre esporte", Heather Sykes apresenta um mapeamento da Teoria *Queer* nas últimas duas décadas e analisa contribuições teóricas sobre o *queer* por parte de alguns teóricos. A autora ressalta ser difícil estabelecer uma versão simplificada da Teoria *Queer* justamente por seu caráter plural e multifocado, sublinhando que pretende mostrar "como a crítica da Teoria *Queer* sobre a identidade sexual, e as suspeitas pós-modernas [...] poderão alterar a maneira como pensamos a sexualidade, o desejo e o corpo nos estudos esportivos" (p. 13). Destaca a constituição de uma "teoria trans", devido à popularização de análises científicas sobre o "corpo intersexo", e sublinha, por fim, as contribuições das subjetivações de Michel Foucault (1985), das performatividades de Judith Butler (2004) e do legado da psicanálise.

Em "Além da conta: a branqueza nos estudos esportivos e o conhecimento *queer*",² Mary McDonald dedica boa parte do capítulo 2 criticando as publicações da área de estudos gays e lésbicos que não levam em conta a raça e, na grande maioria, produzem pesquisas sobre populações e grupos brancos. Chama, assim, explicitamente a atenção para essa "branqueza" nos estudos *queer* e para o fato que de isso já "passa da conta", pois não há praticamente produção alguma sobre indígenas, negros, amarelos, dentre outros grupos. Sugere uma 'desidentificação' de minorias *queers* assujeitadas a fim de promover resistência e confrontação aos padrões brancos de identificação dominantes.

Já a segunda parte, "Práticas esportivas e comunidades: desestabilizando a heteronormatividade?", traz quatro capítulos que pretendem analisar os efeitos do desdobramento da Teoria *Queer* em pesquisas realizadas no esporte.

Assim, em "Atletas *queer* e o processo de '*queerizar*' o esporte", do capítulo 3, Heidi Eng foca-se em atletas norueguesas lésbicas e gays. A autora compara as diferentes condições de experiências no explicitar a sexualidade, em contextos esportivos, tanto de atletas mulheres

quanto de homens. Além disso, Eng também tece considerações sobre os espaços sociais do esporte e a chamada “cultura do vestiário”.³ Nesse sentido, toma emprestado de Foucault a análise dos múltiplos silêncios que são parte integral das estratégias que subjazem e permitem os discursos. A autora é a única, em toda a coletânea, que salienta explicitamente a questão da importância em “*queerizar*” o esporte por parte da população LGBT, ou seja, utilizar-se do esporte como forma de subversão dos jogos (in)visíveis da dominação heteronormativa imposta.

No capítulo 4, “Dez homens ‘out’: masculinidades esportivas *gay* no *soffbol*”,⁴ Nigel Jarvis apresenta sua pesquisa etnográfica sobre masculinidades (subordinadas) de homens *gays* no *soffbol*. O autor quer identificar se as práticas das equipes são atos de resistência *queer* ou apenas atos reprodutivos dentro de uma masculinidade hegemônica. Em oposição ao capítulo anterior sobre os atletas noruegueses no esporte de alto rendimento, neste capítulo a linguagem e o comportamento dos entrevistados aparecem genericados e sexualizados, ou seja, os atletas masculinos articulam coerentemente a sexualidade *gay* para Jarvis, pois seus discursos constantemente desafiam a “*generificação*” e a “*sexização*” da heteronormatividade discursiva do esporte de competição, apontando para a referência a atos sexuais e desejos *gays*, identidades sexuais *gays* e identidades de gênero. Contudo, o autor mostra que, apesar dessas expressões comportamentais e linguísticas transgressivas, o comportamento de alguns jogadores reproduz as ações convencionais do esporte dominante, notadamente as condutas relacionadas à vitória. Assim, Jarvis conclui seu artigo levantando o quanto é difícil para grupos subordinados desafiar as práticas esportivas incrustadas nas normas heterossexuais.

Em “Explorando os limites do *queer* no esporte: homens *gays* jogando tênis”, Ian Wellard trata do surgimento de um clube de tênis exclusivo para *gays*, ao Sul da Inglaterra. A formação do clube – bem como de grupos esportivos semelhantes que são criados por minorias sexuais – tenta criar, segundo o autor, um “porto seguro”, livre das tradições e dos rituais heterossexistas. Utilizando o conceito de “atos *queer*” (de Butler), Wellard destaca algumas maneiras com que os jogadores de tênis desafiam as práticas hegemônicas nesse esporte. Entretanto, o autor constata que talvez grande parte dos próprios *gays* esportistas prefira, como aparece em suas próprias palavras, “atos

héteros” de conduta. A assimilação de padrões convencionais do que a ‘sociedade’ espera é menos ‘complicado’ e exige ‘menos’ de quem é alvo das considerações.

Fica claro, nesse sentido, que tanto Jarvis quanto Wellard são influenciados pelas considerações teóricas de Brian Pronger,⁵ importante teórico na área de masculinidades, gêneros e homossexualidades no contexto esportivo. Basta observarmos que em 7 dos 10 capítulos da coletânea encontramos a obra *The Arena of Masculinity*, listada nas referências bibliográficas, na qual o próprio Pronger sublinha: “Apesar de esta obra concentrar-se na experiência esportiva da homossexualidade, o objetivo dela é mais ambicioso: o esporte é um veículo de exploração do significado da homossexualidade e, além disso, de compreensão do sexo e do gênero como partes fundamentais de nossa cultura”.⁶

No capítulo 6, “A necessidade da vergonha *queer* para o orgulho *gay*: uma análise sobre os *Gay Games*”, de Judy Davidson, há uma análise dos chamados *Gay Games* e os eventos culturais que os envolvem. O mote de seu trabalho, o da necessidade de uma vergonha *queer* para a ‘obtenção’ de um orgulho *gay*, parte de uma pesquisa nos arquivos históricos dos jogos e de uma análise sobre o papel desempenhado pelo fundador desses jogos, Thomas Waddell. A autora centra a sua análise nos arquivos discursivos do orgulho *gay* e relata que a recusa imposta à denominação “olimpíadas” ou “jogos olímpicos” para o título dos jogos alimentou uma vergonha original que o orgulho *gay* encobriu com o tempo. O capítulo busca explicações do domínio psíquico de uma coletividade envolvida na realização dos jogos e suas inter-relações com a esfera social em que atuam. Nesse sentido inter-relaciona aspectos singulares da psicanálise para detalhar o entendimento de como a heteronormatividade, no limite, produz o orgulho *gay*.

Logo após este capítulo, temos a terceira e última parte do livro, “Possibilidades para corpos *queer* e identidades no esporte”, compreendida de quatro capítulos.

Assim, Caroline Symmons e Denis Hemphill’s no capítulo 7, “Transgêneros e esporte nos *Gay Games*”, levantam dados de arquivos históricos e dos regulamentos internos de três versões dos jogos, os *IV Gay Games*, Nova Iorque (1994), *V Gay Games*, Amsterdã (1998), e *VI Gay Games*, Sydney (2002), resgatando a “política de gênero” dos jogos em respeito à inclusão de atletas transgêneros. De acordo com os autores, a

versão ocorrida de Nova Iorque colocou-se como pioneira na inclusão daqueles e na estruturação das regras e dos procedimentos que facilitaram suas participações. Em Amsterdã (1998), apesar de já existir uma estrutura de regulamentação para esse segmento, houve uma burocracia médico-psicológica que deixou muitos participantes insatisfeitos.⁷ Os jogos de Sydney, por sua vez, foram os mais 'inclusivos', não só porque toda a "política de gênero" foi pensada e estruturada durante 18 meses, mas porque toda a comunidade LGBT na cidade era constantemente consultada.

Gareth Owen, em "*Catching Crabs: corpos, emoções e identidades gays na canoagem de competição convencional*",⁸ mantém o foco no corpo do atleta participante dos *gay games*. O autor argumenta que corpos e emoções são inseparáveis do entendimento de gênero e identidade sexual na canoagem de competição; faz isso com seu próprio corpo durante quase dois anos de total imersão na vida social do clube *gay* de canoagem, participando de avaliações, regatas e árduos treinamentos.⁹ Realizou o que denomina "etnografia reflexiva ou emotiva": seu corpo torna-se um instrumento de coleta de dados ao vivenciar as situações e explora, a partir disso, as possibilidades dessa narrativa centrada no *self*.

No capítulo 9, "*Femme fatale: (re)pensando a femi-nina*", Jayne Caudwell muda o foco do que vinha sendo considerado até então e analisa a feminilidade de atletas lésbicas de uma equipe londrina de futebol. A autora coloca em questão, como ponto de partida, a aceitação tácita de que uma equipe lésbica de futebol, rompendo a sexualidade normativa e deslocando o regime da heterossexualidade compulsória, seria entendida como "*queer*". Caudwell salienta, ainda, que o foco na(s) feminilidade(s) problematiza as noções freqüentemente aceitas, pelo padrão normativo, das mulheres-masculinas-lésbicas associadas às comunidades futebolísticas, como é destacado na literatura. Assim, a partir das tensões estabelecidas, o capítulo se finda com a proposição de novas reflexões teóricas para uma (re)leitura dessa(s) feminilidade(s) como potencial(is) subversiva(s) e com poder político capaz de desestabilizar as relações hegemônicas na formação da heteronormatividade.

Rebecca Lock, em "Heterossexualidade feminina: o processo doloroso da subjetivação", último capítulo da coletânea, sublinha a relação entre dor e feminilidade heterossexual no contexto esportivo do *ice hockey* feminino. A autora

parte da argumentação de que a heterossexualidade e a dor são tomadas mais como fenômenos naturais do que discursivamente construídos. Ela detalhará, então, uma análise crítica de como os discursos que permeiam a dor do estupro, a dor do nascimento e a dor a ser medicalizada (no caso de mulheres requisitantes) criam uma "gramática generificada de violência". Lock pretende mostrar como a regulamentação das situações de exposição à dor no *ice hockey* funciona, indubitavelmente, para materializar atletas como sujeitos heterossexualmente femininos. Conclui, portanto, que dor e heterossexualidade são socialmente construídas como "naturais" e adverte contra os que as tomam como fenômenos universais.

Certamente, *Sport, Sexualities and Queer Theory* é uma obra de referência aos que desejam eleger a Teoria *Queer* e pensar suas possibilidades nos esportes. Nos capítulos apresentados na primeira parte (I e II), além de serem mais teóricos, há uma visível preocupação em contextualizar o debate sobre as teorias de gênero e as novas possibilidades de considerações da presença do sujeito não inteligível (*queer*) em âmbito social/esportivo. Já os quatro capítulos da parte II, sendo compêndios de pesquisas acadêmicas, figuram como tentativas de modelamento da teorização de gênero à realidade etnográfica. Assim, praticamente todas reafirmam que as normas de gênero da sociedade heteronormativa são reproduzidas e reafirmadas por atletas *queer*. Os últimos capítulos (parte III) não se alinham muito ao restante da obra, trazendo contribuições para pensar o corpo trans, a própria feminilidade lésbica e os processos de subjetivação relacionados à dor psíquica/física. Entretanto, ainda fica a questão: como executar uma subversão dos pressupostos do esporte convencional a partir das lógicas *queer*?

Notas

¹ Jayne Caudwell, na introdução, destaca que o conceito "queer" pode ser usado de muitas formas a fim de descrever ativismo, política, identidade, teoria e comunidade, e também pode aparecer como adjetivo, verbo ou substantivo.

² Título original: "Beyond the Pale: The Whiteness of Sport Studies and Queer Scholarship". Para a autora, a expressão *beyond the pale* tem duas referências importantes: "basta à dominação Pale" (Império britânico na Irlanda no século XIV); e "chega de branqueza", crítica feminista aos estudos de mulheres brancas, de classe média, educadas etc. Resolvi traduzir pela nossa expressão na língua portuguesa por "além da conta".

³ Versão original: *Loker room culture*.

⁴ O título original *Ten men out* diz respeito aos homens que fogem do 'esquema convencional', por assim dizer. Isso porque o softball é mais praticado por mulheres. No jogo de palavras, os atletas canadenses homens praticantes de tal modalidade estariam, então, "fora do esquema tradicional" do esporte.

⁵ Brian PRONGER, 1990.

⁶ PRONGER, 1990, p. IX.

⁷ Exigiam laudo médico que atestasse "completa transição de gênero".

⁸ Sem tradução plausível em português, *catching crabs* significaria um erro de má sincronia na canoagem.

⁹ O tipo de relação a que se estabeleceu entre Owen e a equipe gay de canoagem é similar àquela assumida por Loïc Wacquant (2002) junto aos boxeadores do clube negro de Woodlawn e registrada em sua brilhante etnografia sobre o *gym* e as relações de rede estabelecidas em Chicago, nos anos 1990.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade. A vontade de saber I*. 8. ed. São Paulo: Graal, 1985.

PRONGER, Brian. *The Arena of Masculinity: Sports, Homosexuality and the Meaning of Sex*. New York: St. Martin's Press, 1990.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Wagner Xavier de Camargo ■
Universidade Federal de Santa Catarina